

Novos (es)paços em vo

1. Nenhum circuito exige maior atenção neste momento, do que o traçado que se está a construir, a nível nacional, para o (r)estabelecimento de território plural no espaço lusófono, que seja pertença colectiva dos povos que nele habitam.
2. Para que o ponto anterior se cumpra, é imperioso ter em consideração as lições que a História recente ensinou àqueles que pretenderam instalar-se nos domínios da lusofonia, sendo a ela de todo alheios, pelo menos no que toca ao espaço da afectividade.
3. Sendo mais explícita, diria que, felizmente para nós, que apostamos grande parte dos recursos financeiros e humanos numa política de língua e cultural portuguesas coerentes, apesar da corrida de outros países à conquista de novos impérios, ainda não foi tocada a fímbria dos sentimentos profundos, que lentamente se instauraram, ao longo de séculos, entre os povos do universo lusófono.
4. Sem qualquer espécie de euforia imperial, cumpre verificar que estes sentimentos nos ligam tão íntima e espontaneamente, que será lícito esperar, não o esquecimento dos conflitos, raiva e amor que atravessaram a História dos povos envolvidos na Lusofonia, mas a superação de barreiras que tenderão a diluir-se, *perante a evidência do gesto*

a das Pontes Lusófonas

Maria Armandina Maia

comum que se ergueu, independentemente das vontades que governaram à revelia de nós próprios.

5. Esta apropriação recíproca das riquezas culturais de cada uma das partes, far-se-á, a nosso ver, inevitavelmente, sob o denominador comum da vontade expressa (e da necessidade) de nos robustecermos todos, ao assumirmos colectivamente uma herança de dor, mas também de criação de pactos e alianças, que agora estão em condições nítida vantagem, *no todo em que podem constituir-se*, perante outros pactos e alianças possíveis.

6. Não significa este estado possível das coisas que se tenha avançado de modo irreversível na consolidação de uma aliança lusófona. Pelo contrário, muito está ainda por fazer, a começar pelo inventário dos bens comuns, do que nos une e separa, *«neste rio por nós alimentado»*, como um dia o definiu o poeta Manuel Rui.

7. Desiludam-se portanto os que acreditam num milagre para expandir a Lusofonia: ela exige uma atenção redobrada, constante, cíclica, para que o seu mundo se edifique indelevelmente, criando um verdadeiro imaginário colectivo onde as zonas de identidade sejam claramente estabelecidas, com encontro marcado num átrio comum, uma pátria ou mátria cultural que reescreva a História com uma

nova tessitura de tramas coloridas porque, *de facto*, é chegado o momento de encontrar para ela um lugar.

8. Ser singular e plural, respeitar fronteiras e superá-las, abrir espaços e delimitá-los: eis alguns dos grande desafios que se põem ao colectivo lusófono. Significa isto desaprender (pre)conceitos de supremacia e quimeras de unidade, porque todos temos de ser protagonistas numa nova lição entre os povos, que ensina o dever da humildade singular, para dar espaço ao orgulho *de se saber ser plural*.

9. Abdico portanto dos slogans atraentes de sermos *«todos diferentes todos iguais»*, em favor de uma postura de verdade perante a mais valia que traz a todos a igualdade e a diferença, a identidade e alteridade, bem como a junção de esforços, energias e criatividade.

10. Por mais exaltante seja o intuito de Eduardo Lourenço para que *«os poetas se casem com a respiração do mundo»*, é preciso ainda levantar do chão um museu de memória comum, construído com plasticidades, éticas, modos de estar e de sonhar que se falam com a força do berço nas línguas nacionais, enquanto se exprimem, de forma unívoca, no abraço plural que é a língua portuguesa, a língua que, como diz Eduardo White, *«fala todos nós»*.